

Como as Redes estão Modificando as Formas do Coletivo nas Cidades: A Vida Social Coletivizada pelas Redes se Organiza de Outros Modos

Adriana Pessôa da Cunha

Mestre em Políticas Públicas pela UERJ; especialista em Administração Pública pela UFF; colaboradora pela ESAF; servidora pública do Ministério da Fazenda; advogada pela UNIRIO; Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO: Este artigo discute as implicações das redes no mundo contemporâneo sob o prisma de novos espaços de atuação. A vida social coletivizada pelas redes se organiza de outros modos. O estudo cogita nova visão do conceito de cidadania, entendido numa nova dinâmica do coletivo, analisando a influência das redes refletida no poder de intervenção, reflexão e interconexão de relações sociais. O atual conjunto dessas expressões de comportamento coletivo define os contornos do que, para nós, significa uma reconfiguração em diversas esferas da sociedade: dos espaços de representação; na forma como o coletivo se relaciona nas cidades; nas relações de trabalho. A cidadania trabalhada no contexto das redes e numa cultura cada vez mais mediada por relações virtuais traz um marco analítico de novo tipo, dando-nos pistas de que a cidadania está se reconfigurando em suas bases, abrindo caminho para percepções de um novo protagonismo social. A produção de cidadania na era das redes trabalha sob o signo da lógica colaborativa, do

compartilhamento e da autonarrativa de representação. Essas novas experiências nos interrogam quanto ao sentido de uma cidadania ainda em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania. Tecnologias da informação. Colaborativismo. Compartilhamento.

ABSTRACT: The paper discusses the implications of networks in the contemporary world in the light of new spaces of action. Social life collectivized by networks is organized in other ways. The study is considering a new vision of the concept of citizenship understood in a new team dynamic by analyzing the influence of networks reflected in the power of speech, thought and interconnection of social relations. The current set of these expressions of collective behavior defines the contours of our meaning of reconfiguration in various spheres of society: the representation spaces; in the way the collective relates within the cities; labor relations. Citizenship worked in the context of networks and in a culture increasingly mediated by virtual relationships brings a new kind of analytical framework, giving us clues that citizenship is reconfiguring its bases, leading to perceptions of a new social protagonist. Production of citizenship in the age of networks works under the sign of collaborative logic, sharing and self-narrative of representation. These new experiences make us wonder about the meaning of a still training citizenship setting up.

KEYWORDS: Citizenship. Information and Communication Technologies. Collaborationism Sharing.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo surge a partir da necessidade de entender a aproximação cada dia mais crescente da concepção das redes compreendendo as Cidades através dessa nova conexão e suas implicações sociais tanto em relação ao outro quanto no contexto institucional. A reflexão sobre o tema importa em uma mudança de paradigma, que, em nível institucional, trouxe nítidas e sérias ambiguidades, revelando um grande edifício ainda permeado de

porosidades e conceitos indeterminados gerados pelo universo organizado/desorganizado das cidades-redes-e-gov-mundo.

O modelo tradicional e hierárquico de cidade já não atende ao cenário complexo e em constante transformação dos dias de hoje. A Administração Pública passa por uma série de insuficiências e limitações para compreender o cenário que se forma de maneira desorganizada, dando margem à busca de novas formas e meios de se relacionar com os cidadãos/administrados. Nessa perspectiva, os espaços de atuação habilitados pelas redes sociais são tidos como poder de intervenção, reflexão e interconexão de relações sociais, políticas, econômicas e nas relações de trabalho.

A hipótese que norteia o estudo é a de que o atual conjunto desses espaços define os contornos de uma reconfiguração em diversas esferas da sociedade: na própria política das cidades, nos espaços de representação, na forma como o coletivo se relaciona nas cidades, nas relações de trabalho, na economia compartilhada, colocando a questão do coletivo em um novo registro de esfera pública. A cidadania trabalhada no contexto das redes e numa cultura mediada por relações virtuais traz um marco analítico de novo tipo, dando-nos pistas de que a cidadania está se reconfigurando em suas bases, abrindo caminho para percepções de um novo protagonismo social.

As redes¹ e mídias sociais proporcionaram o surgimento e a visibilidade de novos grupos e arranjos sociais. Uma nova dinâmica parece conceber um conceito de coletivo ressignificado, refletido como poder de intervenção e criação, produzindo nas práticas sociais novas formas de sentir, pensar, interagir e se relacionar, dando espaço para outras formas de experiência. Num universo de várias e novas narrativas, imagens e relatos, o rápido desenvolvimento concebido por essas redes de comunicação ampliou a dimensão das relações e das práticas sociais, possibilitando vínculos entre pessoas e organizações cuja comunicação passa a ser estabelecida por meio de outros referenciais de

1 “Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo, transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003, p. 7).

tempo, lugar, espaço, imagem, sonoridades, sensibilidades e que parece indicar um possível e novo protagonismo social.

Vivemos hoje formas inusitadas de sociabilidade, provocadas pelas redes sociais. Essas redes estão se revestindo de um grande poder e estão se configurando em formas de intervenção e criação em vários aspectos, ressignificando o indivíduo tanto no contexto de situações de sua própria singularidade quanto em níveis mais coletivos de participação, seja política, econômica ou social, daí a imensa importância de entender essas novas expressões de comportamento coletivo e a que se propõem.

Já há algum tempo, para se pagar uma conta, não precisamos ir fisicamente até o banco, usa-se a rede on-line do banco onde será operada a transação financeira desejada. No domínio dos relacionamentos pessoais, para encontrar um novo amor ou simplesmente partilhar sentimentos e emoções passageiras, as redes se fazem igualmente presentes em endereços tais como: Par Perfeito, que cobra pelos serviços e faz parte do grupo Match.com, líder mundial em sites de encontros e relacionamentos, com usuários espalhados pela América Latina; Amores Possíveis, que disponibiliza a plataforma gratuitamente; o *Second Love*, voltado para homens e mulheres casados em busca de novas emoções. A chamada desse site é “Paquerar não é só para solteiros” e há cobrança de assinatura para utilização dos serviços de encontros. Há também o “G encontros”, um site de relacionamento gratuito voltado para encontros entre Gays, Lésbicas e Bissexuais. Esses sites amorosos permitem reunir pessoas que possuam a mesma afinidade e interesses na busca de relacionamentos, em variados formatos e estilos. Um dos aplicativos de relacionamento mais famosos do mundo, chamado Tinder, que funciona com uma conta no Facebook, virou uma febre também no Brasil. Em entrevista ao *Correio Braziliense*², Justin Mateen, cofundador da plataforma, disse que o aplicativo é uma nova experiência na interação humana,

² Esta entrevista está no link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/12/11/interna_tecnologia,402827/aplicativo-tinder-vira-febre-no-brasil-confira-entrevista-com-o-cofundador.shtml

tornando simples e eficiente o processo de conhecer uma nova pessoa. Além de cafés ou bares, você pode encontrar os indivíduos no Tinder e conhecê-los bem antes de sair para um contato físico. Basta ativar a localização em que a pessoa está, dizer a preferência por homens ou mulheres e, a partir daí, começam a surgir fotos de pessoas que estejam próximas fisicamente, com um raio de precisão acessado pelo sistema GPS do aplicativo. Se o usuário gostar, basta apertar no botão verde, caso contrário, no vermelho. Quando as duas pessoas pressionam o verde, elas podem começar a conversar, trocar ideias e, talvez marcar um encontro.

Se tomarmos como exemplo o campo dos serviços, para pegar um táxi basta operar a interface de um aparelho com tecnologia móvel, utilizando um dedo de uma das mãos e acessar aplicativos³ como *Easy Taxi*⁴ que, além de levar ao local de destino, oferece serviços adicionais de segurança, com rastreamento de passageiros, e programas que permitem que o pagamento seja gerado pela conexão em rede do aparelho do motorista com o do usuário, sem o uso de dinheiro ou cartão de crédito.

Além desses serviços, há parcerias com grandes empresas como Johnnie Walker, entre outras que, utilizando as redes sociais como forma de disseminar um estilo cultural, imprimem também suas marcas, ao concederem benefícios de desconto nas corridas de táxi àqueles que aderirem à campanha “HojeNãoDirijo”, voltada para o público que sai no fim de semana de táxi e não quer se arriscar na direção com uso de bebidas alcoólicas. Note-se que estilos culturais e comerciais convergem através das redes, agregando o valor de uma marca com a de um serviço de utilidade pública, construindo um forte apelo comercial ao unir “bebida” e “táxi”.

3 APPLication – aplicativo. [Brasil] [Informática] Programa informático que visa a facilitar a realização de uma tarefa no computador, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <<http://www.priberam.pt/dlpo/aplicativo>> [consultado em 02-08-2015].

4 Easy Taxi, fundada em abril de 2012 no Rio de Janeiro, é um aplicativo gratuito de serviço mobile que permite a conexão entre taxistas e passageiros. Tornou-se pioneira no serviço de táxi online, o aplicativo está redefinindo o cenário de táxi globalmente. Disponível em <http://www.easytaxi.com/br/about-us>.

2. A QUESTÃO DOS APLICATIVOS DE SERVIÇOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO E A DISPUTA POR NOVOS ESPAÇOS

Hoje a *Easy Taxi* e *99Taxis* são os dois maiores aplicativos de táxis no Brasil. A *99Taxis*, criada em 2012, ainda não avançou no exterior, mas disputa a liderança do mercado com a *EasyTaxi*. Na disputa, surge uma concorrente de peso no mercado dos aplicativos de táxis. O *Uber*⁵, serviço de transporte alternativo que funciona também com base em aplicativo. A entrada do *Uber* desencadeou vários movimentos contrários de taxistas, com manifestações em várias capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, no sentido de que o aplicativo seja proibido. O argumento dos taxistas é que o *app* é ilegal na forma de concorrência desleal, já que pagam diversos tributos, taxas e licenças para serem regulamentados. O *Uber*, por sua vez, diz oferecer uma forma diferente de transporte, que ajuda na geração de renda para as pessoas e que sua proposta não é táxi, mas motoristas particulares que atendem a quem tem conta nesse aplicativo. Do lado dos usuários, os relatos são de que os carros do *Uber* são mais confortáveis e melhores comparativamente aos dos táxis convencionais. Os motoristas se vestem socialmente e andam com ar condicionado e com o *Waze*⁶ ligado em tempo real, além de oferecerem água e balas sem cobrar a mais nas corridas.

Trata-se aqui de um cenário novo em que outras formas de expressão do coletivo indagam a própria noção de público, de transporte coletivo, do uso desses espaços públicos dentro das cidades. A vida social coletivizada pelas redes se organiza de outros modos. Sem a mediação do Estado como regulador, novas propostas de interação nas cidades parecem romper com as tradicionais formas de convívio social. Esses aplicativos estão construindo uma fisionomia de relação em outro nível de trabalho e

5 Uber é um aplicativo de celular que conecta uma pessoa a um motorista particular. A referência descrita no site da Uber tem como propaganda na rede: “A escolha é algo maravilhoso”.

6 Waze é um aplicativo de navegação de trânsito baseado em uma comunidade de motoristas que compartilham informações de trânsito das vias em tempo real.

de relação com a sociedade. Esse novo tipo de relação habilitado pelas redes nos remete à importância de se estudar a relação salarial no contexto da atualidade.

Um reflexo das redes no campo da participação política e construção coletiva pode ser sentido em campanhas de financiamento coletivo conhecido como *crowdfunding*⁷, com as quais as redes potencializam a divulgação de ideias em torno de interesses compartilhados, através de uma rede de influências de conhecidos diretos, sejam eles parentes ou amigos, e que acreditam naquele projeto e naquela ideia. Com essa rede, aberta e transparente, o *crowdfunding* promove projetos através de financiamentos coletivos on-line, em variadas áreas, tais como: cultura, cinema, meio ambiente, jornalismo, intervenção e criação em espaços urbanos, e até em campanha eleitoral na forma de captação de recursos financeiros⁸.

Nas eleições presidenciais nos EUA, em 2008, Barack Obama utilizou o *crowdfunding* para imprimir sua imagem na campanha eleitoral. Pelas redes sociais, os eleitores além de financiarem a eleição com pequenas quantias, sabiam quem estavam apoiando, e, o que é mais interessante, quanto havia de arrecadação. Assim, a campanha presidencial conseguiu, além de dinheiro, mais um milhão de colaboradores. Percebe-se com isso a imensa importância de entender essa dinâmica colaborativa em rede, que vai tomando relevo em conceitos como “micropatrocinador”, “mobilize” e “não sou conduzido, conduzo”⁹, inserindo-se em uma lógica de relação em que idealizar, realizar e intervir são elos de uma mesma rede de sentido e de mundo, como, por

7 Financiamento coletivo de um projeto ou de uma iniciativa através da angariação de contribuições monetárias de um número grande de pessoas com os mesmos interesses, realizada tipicamente pela internet e redes sociais. In Dicionário da Língua Portuguesa. Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Crowdfunding>>

8 Dados da pesquisa Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil entre 2013 e 2014, realizada pela comunidade de financiamento coletivo Catarse, apontam que entre as regiões brasileiras que mais participam do financiamento coletivo estão o Sudeste, com 63%; seguido do Sul, com 20%; Nordeste 9%; Centro-Oeste, 7%, e norte, 1%. Dados da pesquisa também apontam que 68% dos empreendedores entrevistados enxergam potencial de financiamento coletivo em seus negócios. 81% dos estudantes entrevistados estão interessados em empreender projetos próprios após se formarem. Disponível em <http://pesquisa.catarse.me/>.

9 O lema “Não sou conduzido, conduzo” assumiu o protagonismo da plataforma colaborativa nas redes. Disponível em: <<http://blog.catarse.me/sao-paulo-500-projetos-de-reflexao-intervencao-e-criacao-sobre-a-cidade/>>

exemplo, o acompanhamento do comportamento dos políticos, do andamento de projetos e dos custos dos projetos.

Em 2012, o projeto denominado “Voto Consciente Jundiaí”¹⁰, que tem como proposta difundir a participação coletiva nas eleições daquela região, conseguiu levantar, na plataforma Catarse¹¹, a soma de R\$ 25 mil com a ajuda de 241 pessoas que acreditaram naquela iniciativa e naquela ideia. No projeto, os cidadãos, chamados de “cidadonos”, apresentam ideias para melhorar a cidade e estas são apresentadas aos candidatos na época das eleições. Em seguida, esses candidatos, sabatinados publicamente sobre seus projetos, são acompanhados em sessões públicas da Câmara, sendo dessa forma envolvidos para o debate. As ideias são impressas em “fichas públicas” e viram ações de políticas públicas para a cidade. Contando com a participação de escolas e da sociedade, essas ações já envolveram sete mil pessoas em oficinas de debates.

Entretanto, apesar do forte potencial dessas ferramentas de financiamento coletivo, em termos de mobilização e de construção política, a sua transposição para o terreno eleitoral padece de incentivos e é ofuscada por grande parte das instituições jurídicas e dos partidos políticos. Em maio de 2014, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) vetou a possibilidade de arrecadação de campanha por site de financiamento coletivo. Os ministros da Corte entenderam que essa forma de captação não é possível porque a doação em campanha eleitoral deve ser feita diretamente do eleitor ao candidato, não admitindo intermediários. Por outro lado, os partidos não querem perder parte de sua arrecadação, que muitas vezes advém de doação direta de empresas em troca de pequenas doações de eleitores. Geralmente, nessas platafor-

10 Movimento fundado sob a perspectiva do voluntariado da cidade e que desde 2006 acompanha todas as sessões ordinárias da Câmara. O projeto foi bem-sucedido e financiado em 05.08.2014 com 183 apoios coletivos e R\$19.791 mil de arrecadação. Disponível em <http://www.catarse.me/pt/cidadonoseleicoes2014?ref=blog_cidadonos>

11 Catarse é uma comunidade de financiamento coletivo, fundada em 2011, disponibilizada em plataforma na Internet. Dados de dezembro de 2014 informam que já passaram na comunidade 2.700 projetos, dos quais 55% atingiram a meta do financiamento. Em 2014, foram 1.140 projetos finalizados, com a participação de 88.500 pessoas, que contribuíram com R\$12 milhões. Disponível em: <<http://blog.catarse.me/retrospectiva-dois-mil-e-catarse-r-1-milhao-por-mes/>>. Acesso em:

mas virtuais de financiamento coletivo, os patrocinadores são nominalmente identificáveis, sendo possível visualizar até o valor com que cada um contribuiu, se assim desejarem.¹²

Muito embora o sistema legal brasileiro não admita “intermediários” advindos de espaços como esses para captação de recursos de campanhas eleitorais, o atual processo de doação permitido na forma legal advém de vultosas somas oriundas de empresas ligadas a grandes grupos econômicos. A concentração de doações para campanha eleitoral tem origem em grandes setores da economia do país, como indústria de alimentos, setor financeiro, empreiteiras e o setor de mineração. O montante de recursos por empreiteiras liderou o ranking de doações na campanha presidencial de 2014. Juntas, as construtoras contribuíram com quase R\$ 300 milhões, ou 30% do total arrecadado.

As novas tecnologias também trouxeram impactos nos processos de trabalho, desencadeando uma série de influências sociais que afetaram os trabalhadores, sendo, por isso, de grande colaboração analisar como isso está acontecendo atualmente.

Castells (2013) situa esse debate no processo de transição histórica à medida que o progresso tecnológico de uma atividade para outra criaria, indubitavelmente, variações das estruturas do trabalho.

(...) essas tendências não se originam da lógica estrutural do paradigma informacional, mas são o resultado da reestruturação atual das relações capital-trabalho, com a ajuda das poderosas ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias da informação e facilitadas por uma nova forma organizacional, a empresa em rede (CASTELLS, 2013, p.345).

Por certo, essa crise vem acompanhada de uma redefinição nas relações de trabalho, estatutos e regulamentos legitimadores

¹² Gastos eleitorais de origem privada têm crescido num ritmo exponencial. Em 2002, os gastos declarados à Justiça Eleitoral por partidos e candidatos nas campanhas para deputado federal alcançaram R\$ 189,6 milhões; em 2010, esse valor chegou ao montante de R\$ 908,2 milhões, um crescimento de 479% em oito anos. Na mesma direção, as campanhas presidenciais, que custaram R\$ 94 milhões em 2002, alcançaram a cifra de R\$ 590 milhões em 2010, um crescimento de 627% em oito anos. Dados retirados da consultoria legislativa da Câmara dos Deputados Federais, fevereiro de 2014. Fonte: Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema3/2014_3.pdf >

de profissões e os espaços de representação. A erosão de direitos põe em questão formas de identidade construídas a partir do mundo do trabalho, colocando na ordem do dia a própria noção de cidadania, marcada por certas descontinuidades que se deram historicamente, fato apontado por Castells.

O processo de degradação dos eixos que se constituíam nos pilares da sociedade salarial vem pondo em xeque modos de socialização e formas de integração com base no trabalho, vem revertendo identidades, filiações, formas de coesão e de solidariedade (CASTELLS, 2012, p.16).

No Brasil, os movimentos sociais como “15M”, “*Não vai ter copa*” e “*Vândalo é o Estado*” fizeram uso das mídias utilizando as redes sociais através de *posts*, *tags*, vídeos e mensagens de texto para convocar o povo às ruas e juntos se tornarem protagonistas de seus embates contra o *status quo*.

O movimento “15M”¹³ organizou um ato público para o dia 15 de maio de 2014, citado como Dia Internacional de Lutas contra a Copa, ao qual compareceram cerca de 21 mil pessoas, distribuídas em sete estados do país¹⁴. Essas comunidades virtuais se propõem a fazer denúncias sobre violações de direito e mau uso de dinheiro público. No caso da Copa do Mundo no Rio de Janeiro, a perda de popularidade desde o início dos protestos fez algumas empresas repensarem estratégias de eventos ligados ao torneio, temendo a repercussão dessas manifestações.

Na chamada “Primavera Árabe”, também houve forte influência das redes sociais na onda de protestos que eclodiu em 2011, nos quais milhares de egípcios foram protagonistas, com vídeos e postagens via Internet cobrindo as mobilizações no Oriente Médio.

Wael Ghonim, executivo do Google, em entrevista à rede de TV americana CNN, afirma que o movimento da Primave-

13 O movimento do Brasil se espelhou no 15M que aconteceu na Espanha em 2011, organizado pela Internet para protestar contra a crise econômica e pedir a instalação de uma democracia mais participativa. O movimento mantém atividades de protestos até os dias de hoje.

14 Essa informação está disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,atos-contracopa-tem-baixa-adesao-mas-governo-federal-mantem-alerta,1167296>>.

ra Árabe teve início em junho de 2010 no Facebook¹⁵, quando centenas de milhares de egípcios começaram a colaborar com o conteúdo na Internet¹⁶.

Já para Sami Ben Gharbia, cofundador do blog Nawaat, ao se referir ao movimento da Primavera Árabe e às redes sociais, disse que “essa foi a caixa de ressonância da luta nas ruas”¹⁷. Esses canais são usados para marcar encontros por ativistas e para disseminação de informação sobre lugares, horário dos protestos, formas de vigilância da atuação da polícia no local com fotos e vídeos, e debates com resumo sobre detidos ou eventos de violência ocorridos nos protestos.

3. O TRABALHO E AS REDES

O trabalho representa o movimento de pertencimento e de integração do indivíduo à sociedade. O trabalho humano e suas práticas vêm sendo transformadas ao longo do tempo por conta das inovações tecnológicas que estão introduzindo a mente humana no bojo da organização da produção e no padrão de trabalho. As novas bases do sistema produtivo estruturadas numa economia da comunicação, informação e conhecimento, alteraram o perfil das ocupações e das forças de trabalho, gerando desemprego e precarização e alterando formas de contratação, antes baseadas na produção em massa, fato que acarreta mudanças drásticas pelo esvaziamento de determinadas funções.

Outra formulação acerca do paradigma do informacionismo é o que tende a considerar uma supremacia do setor de serviços e os tidos “intangíveis” em detrimento do setor da in-

15 Facebook é um site de serviço de rede social, lançado em 4 de fevereiro de 2004, de propriedade privada da Facebook Inc. Em 4 de outubro de 2012 o Facebook atingiu a marca de um bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo. Em média, 316.455 pessoas se cadastram por dia no Facebook, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>

16 O sociólogo francês Alain Touraine, em artigo publicado no jornal **La Republica**, em 30.07.2011, afirma: “É indispensável compreender esses movimentos que marcam uma profunda ruptura na vida política de inúmeros países (...) de fato, esses movimentos que surgiram principalmente graças à comunicação direta através das redes sociais como o **facebook** ou o **twitter** não foram definidos com clareza suficiente pela mídia e em particular pela televisão”. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/45954-o-que-restara-dos-indignados-da-europa-artigo-de-alain-touraine>>

17 < Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-revolucao-das-redes-sociais>>

dústria. O setor produtivo de serviços vem compreendendo um segmento de desenvolvimento cada vez maior na economia e na geração de renda e emprego¹⁸. Pode-se entender dessa reflexão que a aplicação de conteúdos de tecnologia da informação ao suporte material de setores da economia se traduz na aplicação variável de tecnologias, como o uso de softwares, aplicativos, dispositivos de nanotecnologias, redes de sensores, geolocalização, biotecnologias, utilizadas em diversos segmentos da economia.

A introdução das tecnologias da informação trouxe um novo modelo de relações entre produção, consumo e mão de obra. Em decorrência, os parâmetros do processo produtivo introduziram uma nova divisão do trabalho, sob o paradigma de uma sociedade informacional baseada na integração entre máquinas e equipamentos em computadores na organização da produção.

Capra (2001) entende que essa nova economia se estruturará não somente em torno de fluxos de informação, mas também em fluxos de poder e riqueza que correm pelas redes financeiras globais. Esse mecanismo de ação depende em grande medida das mais avançadas tecnologias de informação e comunicação, formadas e moldadas fundamentalmente por máquinas.

A enorme carga de trabalho dos executivos atuais é mais uma das consequências diretas do conflito entre o tempo biológico e o tempo dos computadores. O trabalho deles está cada vez mais computadorizado; e à medida que a tecnologia dos computadores progride, essas máquinas trabalham cada vez rápido e assim economizam cada vez mais tempo. A questão de saber o que fazer com o tempo que sobra se torna uma questão de valores. O tempo pode ser distribuído entre os indivíduos que compõem a organização – criando-se um tempo para que eles reflitam, organizem-se, façam contatos e reú-

18 De acordo com dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS) do IBGE – Instituto Brasileiro de Engenharia e Estatística, no Brasil, a participação no PIB do setor produtor de serviços segundo as contas nacionais situou-se em 58,3% em 1999, respondendo por 57,2% da absorção de mão de obra na economia. A PAS constitui fonte de dados setoriais do comportamento do mercado formal sob a ótica da oferta de serviços. Seus resultados referem-se às empresas atuantes em atividades de serviços mercantis não financeiros, abrangendo as atividades de alojamento e alimentação, transportes e serviços auxiliares dos transportes, correio e telecomunicações, informática, serviços imobiliários e de aluguel de bens, serviços prestados principalmente às empresas e outras atividades de serviços (serviços auxiliares financeiros, representantes comerciais e agentes do comércio, serviços auxiliares da agricultura, serviços recreativos, culturais e desportivos e serviços pessoais).

nam-se para conversas informais – ou pode ser subtraído da organização e transformado em mais lucro para os acionistas e executivos de primeiríssimo escalão – obrigando-se as pessoas a trabalhar mais e, assim, aumentar a produtividade da empresa. Infelizmente, a maior parte das empresas da nossa tão admirada era da informação optaram pela segunda alternativa. (CAPRA, 2002, p. 137).

3.1 O Uso de Tecnologias em Outras Áreas, como as Escolas, e a Experiência do Exoesqueleto na Copa do Mundo

A aplicação de novas tecnologias de comunicação ao suporte material de outras áreas tem aprofundado vários estudos, conectando corpos, máquinas e equipamentos cada vez mais parecidos com as pessoas. Um exemplo que ficou muito conhecido foi a utilização do exoesqueleto na Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014. Com a utilização de uma interface cérebro-máquina, através de estímulos captados por eletrodos que devolvem a informação ao paciente, foi possível fazer o retorno da informação através do cérebro, em interação com um computador¹⁹.

Inúmeras são as transformações ocorridas em decorrência dos atuais sistemas de informação, em diversos campos de atividade econômica. Sobre a introdução de tecnologias da informação ao suporte material de áreas da atividade humana, Castells pontua:

Software para computadores, produção de vídeos, projeto de microeletrônica, agropecuária com base em biotecnologia e muitos outros processos cruciais característicos das economias avançadas juntam, irremediavelmente, seu conteúdo de informação ao suporte material do produto, impossibilitando a distinção dos limites entre “bens” e “serviços” (CASTELLS, 2013, p. 269).

A rápida capacidade de se comunicar mediada por essas tecnologias (smartphones, aparelhos que integram telefonia,

¹⁹ Um computador central decodifica os sinais recebidos e devolve ao paciente, por meio do exoesqueleto, a informação de movimento, permitindo a possibilidade de movimento a quem já o perdeu (p.ex. paraplégicos).

internet, televisão, câmeras de alta resolução, gravadores de áudio e geolocalização, redes de computadores, redes sociais, perfis individuais, blogs e fotoblogs), seja na forma escrita, pictórica ou visual, acarreta a possibilidade de uma penetração comunicacional e uma conectividade em nível global que transforma a comunicação em todas as suas faces, tanto culturalmente quanto socialmente.

Dados do IBGE sobre indicadores de acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal obtidos a partir das informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2011) mostram que, em 2011, 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet no período de referência nos últimos três meses. Esse contingente equivalia a 46,5% do total da população de 10 anos ou mais de idade. Em 2009, o número de internautas foi estimado em 67,7 milhões, representando 41,6% da população-alvo. Nos anos de 2008 e 2005, estes totais foram estimados em 55,7 milhões (ou 34,7% da população-alvo) e 31,9 milhões (ou 20,9% da população-alvo), respectivamente. De 2005 para 2011, a população de 10 anos ou mais de idade (população em idade ativa) cresceu 9,7%, enquanto o contingente de pessoas que utilizaram a Internet aumentou 143,8%, ou seja, em seis anos o número de internautas no país cresceu 45,8 milhões²⁰. Esses sistemas de comunicação estão caminhando cada vez mais para a convergência tecnológica, unindo e conectando não somente pessoas, mas também dados, como *tweets*, mensagens, *posts* em redes sociais, vídeos, geolocalizações e até comportamento de clientes²¹.

Assim, um universo de fluxos globais de informação, signos e linguagens fez com que determinados regimes de identificação do cotidiano, como o tempo da escola, do trabalho e o

20 Este estudo foi desenvolvido com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD realizada em 2005, 2008, 2009 e 2011. Foi perguntado para todos os moradores com 10 anos ou mais de idade, com base na data da entrevista, se tinham acessado a Internet nos últimos três meses em qualquer local, lembrando que as entrevistas da PNAD são realizadas sempre no último trimestre de cada ano. http://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf.

21 No terremoto do Haiti em 2010, pesquisadores americanos perceberam antes de todo mundo a diáspora de Porto Príncipe por meio dos dados de geolocalização de 2 milhões de chips SIM de celulares, facilitando a atuação da ajuda humanitária. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/bigdata/>

tempo doméstico se desterritorializassem, criando nova relação com o tempo e com o espaço. Diferentemente das formas de organização da vida em unidades de blocos de tempo sequencialmente previstos e organizados.

Guy Standing (2013) entende da seguinte maneira o que a sociedade de mercado global está fazendo com a nossa percepção de tempo:

Historicamente, cada sistema de produção tinha como estrutura norteadora um conceito específico de tempo. Na sociedade agrária, a tarefa e o trabalho eram adaptados ao ritmo das estações e das condições climáticas. Qualquer ideia de um dia de trabalho normal de 10 ou 8 horas teria sido absurda. Não havia sentido em tentar arar a terra ou fazer a colheita sob uma chuva torrencial. O tempo podia não esperar pelo homem, mas o homem respeitava seus ritmos e variações espasmódicas. (STANDING, 2013, p.178).

Percebe-se, assim, que a organização da vida, anteriormente regulada e disposta em blocos de hora como hora de trabalhar, hora de estudar, hora de socializar, está sendo construída em uma relação tempo-espaço totalmente diferente da produção regulamentada pelo tempo e pelo espaço limitado em lugares físicos e restritos, sendo esses referenciais alterados substancialmente com forte impacto nas cidades e nas relações que se estabelecem a partir do contato com o outro e com o sentido de pertencimento social.

O funcionamento da sociedade e da produção era baseado em blocos de tempo, junto com ideias de locais de trabalho e de moradia fixos. Durante a vida, as pessoas frequentavam a escola por um curto período, depois passavam a maior parte da vida trabalhando e depois, se tivessem sorte, tinham um curto período de aposentadoria. Durante seus “anos de trabalho”, acordavam de manhã, trabalhavam por 10 ou 12 horas, ou pelo tempo que estivesse estabelecido em seus contratos vagamente definidos, e depois iam para “casa”. Havia “feriados”, mas eles encolheram durante a industrialização e foram substituídos gradualmente por curtos blocos de férias. Em-

bora os padrões variassem por classe e gênero, o importante é que o tempo era dividido em blocos. A separação de “local de trabalho” e “local de moradia” fazia sentido (STANDING, 2013, p.179).

Novos comportamentos também se fazem presentes no setor da educação em relação ao tempo. Nessa linha, dados do Censo da Educação Superior de 2013 divulgados pelo Ministério da Educação apontam que, no segmento da EAD – educação a distância –, no período entre 2011-2012, as matrículas avançaram 12,2% nos cursos a distância e 3,1% nos presenciais. Com esse crescimento a modalidade a distância já representa mais de 15% do total de matrículas em graduação²².

Segundo dados do Censo da Educação Superior divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, um terço do crescimento de matrículas no ensino superior entre 2003 e 2013 foi registrado nos cursos de educação a distância, majoritariamente na rede privada. O número saltou de 49.911 em 2003 para a cifra surpreendente de 1.153.572 matrículas em 2013.

Zygmunt Bauman (1999) identifica que, com o advento das redes, certos significados geradores de comunidade se tornaram “extraterritoriais”. Isso tem um reflexo direto no contexto das cidades.

Planejado, o espaço moderno tinha que ser rígido, sólido, permanente e inegociável. Concreto e aço seriam a sua carne, a malha de ferrovias e rodovias, os seus vasos sanguíneos. A totalidade social devia ser uma hierarquia de localidades cada vez maiores e mais inclusivas, com a autoridade supra-local do Estado empoleirada no topo, supervisionando o todo e ao mesmo tempo protegida da vigilância cotidiana. Sobre esse espaço planejado, territorial-urbanístico-arquitetônico, impôs-se um terceiro espaço cibernético do mundo humano com o advento da rede mundial de informática. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade – ao mesmo tempo em que desnuda o território, no qual outras pessoas

22 Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano-passado#>

continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade (BAUMAN, 1999, p. 24-25).

O contexto da globalização²³ remete assim a um padrão de sociabilidade baseado no individualismo em perspectiva com uma nova noção de espaço e tempo.

Com o cotidiano das pessoas atravessado por sistemas de comunicação interativos, os espaços se interpenetram a cada instante e as comunicações nas cidades são redefinidas pela difusão dessa lógica da mobilidade.

4. OS *VIRTUAL OFFICES* COMO NOVOS MODOS DE INTERAGIR NAS CIDADES

Com os avanços cada vez mais intensos em telecomunicações, o aparecimento de verdadeiras unidades de escritório automatizadas em redes intensificou a concepção de empresa em unidades descentralizadas²⁴. A organização do trabalho sob esse enfoque revolucionou a ideia de trabalho desenvolvido dentro das cidades em escritórios fisicamente localizados. Formando uma rede interativa com capacidade de se comunicar em tempo real, processar a informação, se comunicar e até tomar decisões de forma compartilhada, essas unidades descentralizadas favorecem a ideia de deixar a empresa cada vez mais flexível, com contratos de trabalho também mais flexíveis.

Segundo a Associação dos Centros de Negócio e Escritórios Virtuais (ANCNEV), o setor cresce, em média, 30% ao ano. Já são mais de 990 salas e cerca de 79 mil usuários em todo o Brasil. A

23 Zygmunt Bauman assina em seu livro *Globalização: "A globalização tanto divide quanto une (...). Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos (...)"* (BAUMAN, 1999, p. 8).

24 O chamado "*virtual office*" oferece toda a estrutura de um escritório, sendo o pagamento para utilização feito em blocos de horas, sem exigências contratuais de fiança ou garantias dos contratos de locação convencional e com flexibilidade e sem o ônus de manter uma estrutura física ociosa em períodos de férias ou viagens. Já os *coworkings* são escritórios coletivos onde existe um rateio de todas as despesas, por um custo muito mais baixo, de toda a infraestrutura de um escritório convencional, só que pagando pelo tempo em que usar e usando quando quiser. A possibilidade de relacionamento também atrai o segmento, já que, no escritório compartilhado, os inquilinos são pequenos empresários ou recém-formados, e os espaços são compartilhados por outros inquilinos que compartilham cadeiras, mesas, internet, telefone, armários, café e ainda tem uma área externa para reuniões. Disponível <<http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2011/10/pequenos-empresarios-lucram-com-escritorios-virtuais-e-coletivos.html>>

pesquisa aponta que, além da economia nos custos, a falta de mobilidade das grandes cidades é um dos motivos para o crescimento do setor, já situado em cerca de 40% em escritórios virtuais, estando concentrado na região Sudeste, como é o caso do Rio de Janeiro.²⁵ Isso trouxe dispensa de grande parte de trabalhadores, redução de custos de mão de obra e aumento do capital.

5. CONSIDERAÇÃO FINAIS

A tarefa empreendida neste estudo é olhar os momentos de ruptura em torno da noção de cidadania gestados ao longo do tempo, que marcaram e ainda marcam transformações profundas nas relações, para problematizar e entender o que está sendo posto no agora. Vivemos hoje a desfiliação das relações quase em todos os campos: nas cidades, social, trabalhista, político, nas relações familiares, na escola, no trabalho, na carreira profissional. Até no campo do relacionamento amoroso vivem-se hoje novas configurações de parceria, ou seja, esse processo foi sendo gestado ao longo do tempo. Trata-se, pois, de movimentos desencadeados há tempos, que demoliram aspectos da cidadania resultante de mutações profundas, operadas nas últimas décadas, cujo sentido e alcance se origina com a introdução de novos métodos na era industrial em favor da automação e de novas relações no campo do trabalho, na política, na família e no seio das relações sociais. Esses fatos foram se dando historicamente de modo que esse fenômeno não é novo e vem colocando desafios à construção da noção de cidadania enquanto elemento integrador. De modo que novas bases de pertencer foram aos poucos se formando, demolindo determinados aspectos de pertencimento e acolhimento que tradicionalmente uniam os indivíduos.

A desfiliação advinda da quebra desses laços trouxe fortes rupturas ao sistema comum de pertencimento comunitário. O trabalho sob a forma de emprego estável permitiu a filiação ao exercício da cidadania e ao regime de proteção advindo dessa relação, ou seja, a forma de integração via trabalho, e ao status

²⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/cresce-uso-dos-chamados-escritorios-virtuais-14058722>>

de cidadania. As proteções foram sendo vinculadas às posições ocupacionais de trabalho e por onde o eixo estruturante de cidadania se consolidou como forte componente de integração.

Hoje a solução é completamente inversa. A desfiliação de nossos dias é uma realidade que se produz em diversas esferas das relações sociais, profundamente sentida nos laços construídos no mundo do trabalho. Esse mecanismo é ainda tão forte e potente nos dias de hoje, que as pessoas que não têm trabalho se sentem duplamente desencaixadas, sem proteção e buscam a redenção num sonho de pertencimento cada vez mais transitório e distante. Essa forma de integração se fundiu como mecanismo tão potente como matriz existencial, que as discontinuidades que se deram são ainda muito fortes nos dias de hoje, na medida em que seus traços se fazem presentes quando hoje as pessoas sem trabalho sentem-se sem chão e sem horizonte.

É sob essa perspectiva que se alerta sobre a necessidade de invenção de novas relações nas redes. A partir disso, suscita-se que o modelo de cidadania tradicional parece estar se esgotando, e isso não é um fenômeno que advém da atualidade de nossos dias. As transformações se dão por movimentos caóticos. Hoje temos uma nova dinâmica das cidades de um protagonismo que ainda está se formando e pode vir a se constituir em resposta às exigências da contemporaneidade. Avista-se o surgimento de uma nova linguagem, menos convencional, uma fala que interroga, que diz e mostra, teatraliza e mente e que, de certa forma, também faz referência às exigências da contemporaneidade em que o sujeito se apresenta fragmentado e ambivalente, repleto de infinitas identidades.

Embora a cidadania continue ainda referência como modo de pertencer enquanto matriz institucional, agora ela quer ser outra e pertencer de modos novos. Parece-nos que essa cidadania quer se mostrar não somente como um Estado-nação, mas como um Estado-nação emergente, com formas de deliberação para dar conta das questões do dia a dia e da diversidade e não somente circunscrita a uma tímida e aparente democracia repre-

sentativa, mas presente nos espaços des-hierarquizados, realizada em gestão de novas cidades, numa linguagem formada pelos próprios atores, com suas críticas, sugestões e escolhas, como elemento da própria dinâmica da sociedade, advindo de um senso comum de problematização. Há movimentos nas redes que parecem corresponder às novas exigências da contemporaneidade em novos espaços de representação. Nesse início de século XXI, percebe-se que os sujeitos coletivos são os protagonistas reais dos acontecimentos, são criadores, produtores e atores de sua história autonarrativa e, paralelamente, transitam nesse mundo dotado de profunda ambivalência e solidão, em busca de abrigos possíveis e estáveis.

Pode estar sendo configurado um novo mandamento de relações, e não surpreende que novas instituições deem passagem a um novo paradigma e um novo coletivo de representações, com enorme potencial de invenção e criando um ambiente novo para a cidadania e para as cidades.

É preciso pensar esses novos territórios existenciais por meio de uma reflexão do que é cidadania hoje.

Cabe a pergunta: cidadão é só local ou ele é global?

Podemos pensar que hoje nossas escolas são outras. A escola idealizada na sociedade industrial, pautada pelos ideais e compromissos da sociedade moderna, era configurada para fazer frente a métodos e atividades educativas com o propósito de responder ao projeto histórico da sociedade moderna e do Estado-nação. Como resultado, a escola era tida como verdadeira máquina de ensinar, com divisão por lugares fixos e individuais, a disciplina rígida com horários predeterminados e a vigilância constante de um professor em sala de aula, que impunha sua hierarquia e poder de obediência aos alunos. A escola foi uma das instituições de confinamento, assim como a fábrica, os hospitais e o seio do lar doméstico por onde se engendraram diversos moldes, *corpos dóceis e úteis* formatados para funcionar e pôr em funcionamento as engrenagens do capitalismo industrial: “À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino, e, ao primeiro

toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos” (FOUCAULT, 2013, p. 145). Esses métodos eram sustentados com o rigor das disciplinas, organizando os alunos em “celas” e em “fileiras” na sala, nos corredores e nos pátios com métodos do controle do tempo. O canto do hino nacional diariamente e repetidamente era obrigatório e semeava as reverências pátrias como bons alunos patriotas do Estado-nação.

Hoje a escola está em crise e traz à cena a falência desse modelo. De um lado, muros, salas de aula e carteiras enfileiradas; de outro, as redes em espaços des-hierarquizados. De um lado, telas em tempo real com recursos audiovisual, livros e cadernos digitais; de outro, quadros-negros e giz. De um lado, paredes amareladas; de outro, o espaço global, livre e desinteressado das redes. A escola conectada com aparelhos ligados à internet e telefones celulares cada vez mais modernos e coloridos se contrapõem à rigidez e opacidade do já amarelado instituto chamado “escola”. Os alunos de hoje são outros, incentivados pela lógica do mundo das redes, mas vigiados com câmeras dispostas em cada canto do pátio da escola. Os cantos das escolas ainda são zelosamente preservados, enquanto as redes convidam alunos e professores para novas dinâmicas da contemporaneidade. Isso cria uma enorme crise institucional e existencial, na medida em que o indivíduo se apresenta livre em suas escolhas, mas preso ao nível dos padrões estabelecidos de outrora. Precisamos refletir sobre o que a escola representa hoje, disseminada numa ideologia colaborativa de conhecimentos, mas ainda moldada e presa entre paredes. Deixamos, então, a pergunta: a escola só existe entre paredes ou pode conter uma dimensão de ensino trans-muros? ❖

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A.

Borges. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. Tradução de: The internet galaxy: reflections on the internet, business and society.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações: 1972-1990.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992. p. 219-226. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** São Paulo: 34, 1995. v. 2. (Coleção TRANS).

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HABERMAS, Jürgen. O Estado-nação europeu frente aos desafios da globalização: o passado e o futuro da soberania e da cidadania. **Novos Estudos**, n. 43, p. 87-101, nov. 1995.

_____. **A inclusão do outro: estudos de teoria política.** São Paulo: Loyola, 1996.

SIBILIA, Paula. A construção de si como um personagem real: autenticidade intimista e declínio da ficção na cultura contemporânea. **Revista ECO Pós**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 22-46, 2012.

_____. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Invenções democráticas, v. 4).

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.